

APRESENTAÇÃO

O segundo número do volume 11 de *Sociologia & Antropologia* dá continuidade à nossa missão editorial de publicar artigos que explorem as fronteiras teóricas, metodológicas e empíricas da sociologia e da antropologia contemporâneas. Além disso, sintonizando-nos às políticas de promoção da ciência aberta, atualizamos nossas orientações aos(as) autores(as) estimulando-os(as) à publicação prévia dos manuscritos submetidos à S&A em servidores de *preprint*. Ao longo dos próximos números, outras inovações serão implementadas em nossa revista com o intuito de tornar mais democrático, transparente e ágil nosso fluxo editorial.

Abrimos esta edição com uma bela evocação da trajetória e da obra de Ana Maria Galano, feita por Glaucia Villas Bôas, por ocasião do lançamento do prêmio “Ana Maria Galano” sob os auspícios da Anpocs.

Na sequência, publicamos dois blocos de artigos: um mais sociológico, o outro mais voltado para as questões do campo da antropologia. Começamos com os do primeiro bloco.

Fraya Frehse, em “Time and the production of space in sociology”, ao percorrer a história da sociologia, analisa quatro abordagens analíticas sobre a espacialização dos fenômenos sociais, sugerindo que a produção do espaço é simultaneamente um fenômeno politemporal e poliespacial. Diogo Silva Corrêa, em “Esboço de uma sociologia dos problemas íntimos”, apresenta uma sociologia de cariz pragmatista voltada para a investigação dos problemas íntimos ou das autoinvestigações. “Em torno da ideia de associativismo negro em São Paulo (1930-2010)”, de Mário Augusto Medeiros da Silva, realiza um balanço bibliográfico das diferentes contribuições das ciências sociais ao estudo do

associativismo negro no pós-abolição no contexto paulista, interpellando a literatura sociológica contemporânea. “O que há de sociológico no crime organizado? Uma revisão do conceito”, de David Maciel de Mello Neto, igualmente realiza um levantamento bibliográfico, esse referente aos estudos sobre o crime organizado, inquirindo como, a partir desse fenômeno sociológico, é possível repensar noções centrais da teoria social, como ação, ordem e mudança.

Iniciando o segundo bloco, “O gigante do século XX: imagens do Brasil na Unesco”, de Caio Gonçalves Dias, reflete sobre a formação e circulação de imagens do país em publicações da Unesco, mostrando suas conexões com interesses e valores de certa elite intelectual brasileira. Natália Morais Gaspar, em “Etnografia, trabalho de campo e diagnósticos socioeconômicos para licenciamento ambiental de grandes empreendimentos no Brasil: tempo, poder e categorias de classificação”, observa como a atuação de antropólogos na elaboração de estudos de licenciamento ambiental se entrelaça a uma rede de relações com fortes assimetrias de poder entre consultores, empresas e as populações afetadas. Em “Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais”, Rita Cachado analisa as potencialidades do diário de campo como ferramenta incontornável nas práticas etnográficas e suas implicações metodológicas para as ciências sociais. Pedro Belchior Nunes, em “O subcampo da música de dança eletrônica em Portugal: estudo comparativo de três microeditoras independentes”, examina a rede de agentes que produz esse gênero musical no contexto português por meio da exploração da atuação de três editoras dedicadas à dança eletrônica. “Do Congo ao ‘Coração da Europa’, outros discursos para antigas diferenças raciais”, de Ana Paula Poll, investiga um movimento messiânico oriundo da África colonial, o “kimbanguismo”, mostrando como, por meio de sua teologia, ele aciona uma reflexão sobre as relações raciais. Fechando esse conjunto, “Tematizações do sincretismo na antropologia das religiões afro-brasileiras (1930-1940)”, de João Leal, percorre algumas formulações a respeito do fenômeno do sincretismo e explora as conexões entre etnografia, teoria e os quadros políticos e ideológicos de referência nos diferentes estudos dedicados ao tema.

O número também inclui dois registros de pesquisa, a saber: uma entrevista realizada com Jane Calvert, conduzida por Magda dos Santos Ribeiro, em que se conversa sobre a trajetória da autora no campo dos estudos sociais da ciência e da tecnologia; e um balanço bibliográfico a respeito da Tropicália, realizado por Rafael Marino.

Por fim, fecham esta edição resenhas de três livros: *O véu do congá: sobre três aspectos do conhecimento umbandista*, de Gonçalves Brito (2019), por Gustavo Ruiz Chiesa; *Aspekte des neuen Rechts-radikalismus*, de Theodor Adorno (2019), por Patrícia da Silva Santos; e *Didadura, conflito e repressão no campo: a resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro*, organizado por Leonilde Medeiros (2018), por Débora Franco Lerrer.

Uma ótima leitura!